

2012

Prefácio

Este livro ilustra a minha aprendizagem de sete anos com o irrepreensível William Lonsdale (que mais tarde mudou o seu nome para Ellias Lonsdale), mestre astrólogo e visionário social. Com a minha ajuda e de outros, o nosso mentor, homem provocador, fundou uma pequena escola de mistérios na pequena cidade de Bonny Doon, na Califórnia, onde nós estudávamos os mistérios do nosso tempo.

Durante anos, umas quantas centenas frequentaram esta escola. Situada numa modesta casa de campo, aninhada sob os gigantescos paus-brasil das Montanhas de Santa Cruz, junto a uma antiga arcada em trepadeira de maçãs, entre falcões, ratiños e mochos, espreitávamos para o passado e presente, para compreendermos o futuro. Guiados por um homem cósmico, selvagem, eremita, de cabelos longos e pela sua esposa de voz suave, Sara, neste cenário rural aprendemos a pintar um retrato cativante das almas do nosso tempo.

Estudámos a arte daquilo que faz com que os seres humanos mudem e decidimos que o nosso planeta está no limiar de uma mudança a vários níveis, que hoje, muitos reconhecem,

mas poucos concordam em como reagir à mesma. Através do método socrático da palestra acompanhada por diálogo, tentamos decifrar este enigma – o mistério de uma época que muitos pensadores concordam que é uma época-chave, ou mesmo apocalíptica no âmbito de acontecimentos humanos, mas que também aparenta resistir a uma simples definição rotulada ou ismo.

Todas as semanas, o nosso mago de barba afastava-se das convenções e clichés da astrologia, da cultura ocidental e das coisas básicas da vida, atirando setas às antigas crenças e criando novas. Sob as imponentes árvores, este homem - torre, na verdadeira acepção da palavra, pois a sua cabeça e ombros ficavam, literalmente, acima de todos nós, nunca parava de estimular a nossa mente. Sem descanso, desafiava as nossas crenças fundamentais sobre tudo, atormentando-nos de todos os lados, em termos místicos e intelectuais, para nos arrancar daquilo que ele denominava o Transe da Normalidade e despertar o nosso autêntico eu.

Naquela cabana californiana passámos muitas noites focando-nos no curso de um novo futuro para o mundo ligado ao ano de 2012, o ano em que os Lonsdale previram como tendo algo de crucial a oferecer à raça humana.

Muitas vezes perguntam-me como cheguei até aqui – não conheço escolas de magos. Mas entre 1987 e 1994 aprendi o meu ofício da maneira tradicional, sendo aprendiz de um mestre severo na sua oficina nos bosques. Desde então tenho ansiado por abrir as portas da nossa escola a outros e este livro é o resultado desse desejo.

Este conto da minha aprendizagem mística tem vivido dentro de mim nos últimos vinte anos em tudo aquilo que concretizei, recusando-se firmemente a sair até estar passado para o papel. É uma história verdadeira de indivíduos que realizaram uma caminhada até à fronteira entre o Conhecido e o Desconhecido, e que chegaram a conclusões surpreendentes

que se tornaram, pelo menos para um de nós, uma questão de vida e morte.

Isto não é um romance, uma dissecção de profecias antigas nem uma lista previsões. Outros livros recentes e vindouros sobre 2012 estão inclinados para essas vertentes e podem ser referenciados por isso. Não vos vou dizer o que irá acontecer em 2012, pois apesar de ser conhecido por fazer previsões algo precisas de vez em quando, a verdade é que eu não sei o que vai acontecer. Tenho algumas ideias do que poderá ser, mas muito dependerá das escolhas que fizemos agora. Muito está dependente de como aproveitarmos o momento. Muito depende da dimensão que estivermos dispostos a sonhar.

Ao longo do meu treino como astrólogo da alma, durante duas décadas, ouvi os sonhos de milhares de pessoas. Tornei-me no transportador de sonhos que as pessoas guardam no coração, ajudei-as a construir pontes entre o agora e o futuro. Aprendi muitas coisas sobre o que assiste, o que apoia e o que se intromete no caminho da transformação das pessoas. E comecei a acreditar que está para nascer um sonho poderoso nas profundezas da nossa espécie. Se, entre nós houver quem apanhe a corrente deste sonho, poderemos acompanhar um futuro em que ficaremos estupefactos com o quebrar das regras que conhecemos como rotina no planeta terra.

Apesar de a astrologia ser o chamariz que o nosso equilibrado mago utilizava para nos mostrar a sua montanha como a nossa casa, ao longo dos anos, descobri que a história tem uma dimensão muito mais abrangente. A astrologia foi o canal principal que abrimos para levantar um novo mito de criação que parecia borbulhar nas profundezas da nossa espécie, um novo sonho de vida na terra que se mostraria mais completa. Mas se estivermos correctos e o sonho for real - então poderemos encontrá-lo em qualquer lugar. A astrologia é o acesso principal, mas qualquer caminho que atinja profundidade suficiente poderá levar-nos lá. Tudo aquilo que activa o núcleo da natu-

reza humana é suficiente. Tudo aquilo que impulsionar o desejo de criar uma existência realmente autêntica numa época de distorção e de mentira, pode ligar a mesma fonte de bem, tornando-nos mais fortes para rejeitar as histórias obsoletas daquilo que andámos aqui a fazer e acompanhar algo de novo.

Muito embora nem todos acreditem especificamente no ano 2012, várias profecias culturais apontam para a nossa época como um ponto fulcral na evolução humana: a Bíblia, o Livro de Mórmon, profecias índias Hopi, Navajo, Budistas e Maias, textos sagrados Hindus, entre outros. Não vou investigar estas fontes. O meu objectivo é acompanhar-vos pela estrada descendente sob os gigantescos paus-brasil e plantar-vos no sofá em frente à lareira crepitante naquela casa de campo intemporal, onde os mistérios se tornam em luz e juntos poderemos atravessar a ponte até ao futuro.

Mark Borax

Harbin Hot Springs

Solstício de Inverno, 2007

2012

Tudo Converge

Os budistas dizem que é afortunado aquele que nasce na época de um grande mestre. Ainda estou a tentar descobrir quem realmente o Ellias é, mas alguns factos são claros: ele mostrou-me um entendimento novo e radical do universo. Colocou um novo significado no objectivo da humanidade. Revelou-nos um mundo interior mágico, que coexiste com o mundo que consideramos normal. Num momento de inspiração, Ellias, que alterara o seu nome de William, liderou a nossa escola de mistérios e conduziu-nos a verdades tão melindrosas que, sem a sua presença nas nossas vidas, muitos de nós ainda estaríamos a trepar a colina para chegar ao topo.

Este livro é sobre *como viver e como morrer* e como mudar o mundo. Conta a história do meu encontro com um homem e com uma mulher notáveis e de uma série de acontecimentos que ocorreram de um modo tão extraordinário, que demorei vinte anos para os descodificar.

Esta narrativa poderia começar em vários locais. Tal como as várias faces de uma jóia resplandecente e única, cada aspecto da história reflecte a mesma imagem a partir de um ângulo

diferente; cada episódio divide-se em tantos outros que o ponto de partida quase que se torna arbitrário. No entanto, de todas as imagens reflectidas, ergue-se uma silhueta gigantesca, forte e inevitável. Continuo a regressar ao Monte Shasta, por isso começarei por aí e confio que ao colocar a montanha em primeiro plano, o resto da história encontre também o seu lugar.

Mas, em primeiro lugar, um pouco de pano de fundo, uma contextualização.

Em Julho de 1987, no fecho da feira anual de Oregon, um amigo entregou-me um panfleto que diagnosticava a civilização moderna na fase final do *Kali Yuga*, um termo sânscrito para séculos de inferno que o mundo tem sofrido.

No meio do parque de estacionamento de emergência, rodeado por fardos de feno, longas filas de veículos e visitantes cansados que passavam por mim como uma migração hippie do pousio, abri o panfleto. Li sobre uma poderosa transformação planetária, prevista na era moderna por José Argüelles (*O Factor Maia*) e por outros, que detectaram paralelos entre as profecias de muitas culturas diferentes. Cada tradição parece apontar para o nosso tempo como o culminar de uma longa escuridão de tortura, que consiste na civilização consumida por valores distorcidos. O panfleto integrava estas descobertas numa teoria única de uma alteração cósmica denominada Convergência Harmónica.

Quando regresssei a casa, investiguei sobre o assunto e descobri que havia muitos outros a fazer o mesmo. Quanto mais nos aproximávamos de Agosto de 1987, maior era a antecipação. À medida que o Sol, Lua, Mercúrio, Vénus e Marte se aproximavam de uma rara conjunção em cinco sentidos, conhecida como *stellium*, no feroz Leão, com três planetas adicionais nos signos de fogo, a convergência ganhou espaço celestial. Dos dez planetas e quatro elementos astrológicos, ter oito planetas no mesmo elemento é algo de premonitório. Em termos astrológicos, fogo é a libertação explosiva da força vital das correntes

repressoras que a prendem. Com quatro quintos do sistema solar no elemento Fogo nesse verão, a expectativa criou-se em qualquer lugar em que as pessoas se agrupassem para falar sobre o espírito. As pessoas começaram a debater a convergência em *talk shows* e, de repente, a astrologia, a numerologia e as leituras psíquicas faziam furor.

Os autores do panfleto previram a ocorrência de uma grande purificação entre 1987 e 2012. Nesse quarto de século, eu li que temos de ser confrontados com o que quer que esteja errado com a civilização para nos mostrar precisamente aquilo de que necessitamos de mudar. Houve muitas fontes culturais divergentes que convergiram neste augúrio, que só a própria ideia de profecia era quase que milagrosa.

Assim como na maioria da literatura da Nova Era, passei grande parte do tempo a ler entre as linhas para separar a substância do exagero. Os visionários modernos dizem que o inferno contemporâneo advém de uma vida desequilibrada – aquilo a que os anciãos Hopi chamavam de *koyaanisqatsi*. Esquecemo-nos de quem somos. Perdemos a nossa antiga ligação com o espírito. Faltam-nos objectivos para acompanharmos uma nova era, os nossos caminhos interior e exterior devem de convergir. Não podemos mais dar-nos ao luxo de fazer dinheiro à custa da alma. Não podemos contentar-nos com empregos e casamentos não satisfatórios e sem ligação. José Argüelles afirma “Agora é o momento de questionar toda a base da nossa existência (...) de libertar as mentalidades obsoletas que herdámos do passado”.

Leão é o signo do coração. Com cinco planetas a aproximar-se do corpo de Leão, toda a nossa galáxia foi visionada como um gigante chackra do coração de um ser metagaláctico. (*Chakra* é o termo sânscrito para “roda”, que se refere a sete globos de energia subtis alinhados ao longo do eixo vertical do corpo humano.) Crê-se que seis galáxias vizinhas compõem os outros chakras deste metaorganismo. Era uma visão maravilhosa.